

Violência On-line, Racialização e Revolta: Traçando o Ciclo do Racismo na Internet¹

Gabriel MAIA²

Janara SOUSA³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

A partir de 158 casos analisados em materiais jornalísticos, a construção deste artigo se deu pelo compromisso em traçar um perfil do racismo on-line no contexto brasileiro. Utilizando-se de instrumentos quali-quantitativos e análise do discurso, a discussão compõem o quadro de pesquisa do Observatório Brasileiro de Violência Online⁴. Além de expressivos resultados alcançados, observamos que a grande maioria das vítimas são mulheres negras que compartilharam, em suma, o sentimento de revolta. Fenótipo e qualidade física, principalmente o cabelo, foram os principais alvos, sendo o termo macaca o mais utilizado. Ainda, nos atentamos ao impacto do intenso processo de digitalização paralelo a pandemia do Covid-19, ilustrado no aumento de 450% dos casos de racismo on-line em 2020.

Palavras-chave: Violência Online; Racismo; Discurso de Ódio; Revolta; Internet

Introdução

A violência extravasada na fala, discursivamente, portanto, vincula a manifestação de ódio que surge quando não há a capacidade de reconhecimento do outro como semelhante (LEBRUN, 2008). Como uma prática social, o discurso concebe sentido a partir das relações e produção de conhecimento, onde os sujeitos são construídos discursivamente sob relações de poder. Foucault (1987) se certifica de entender tais relações como características inerentes à violência, existentes a partir da prática de embate por interesses subjetivos e individuais.

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social na FAC-UnB, e-mail: gcunhamaiaunb@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação da FAC-UnB, e-mail: janara.sousa@gmail.com

⁴ O Observatório de Violência Online, concebido na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, traz como proposta principal compreender os tipos e dinâmicas da violência online, identificando os atores sociais que a compõem, e as consequências. O objetivo é contribuir com o debate sobre o tema a partir de uma coleta de informações, que possibilite o embasamento de iniciativas e políticas públicas. Para saber mais, acesse <https://www.internetdireitoshumanos.com.br/>

A racialidade se torna, inexoravelmente, um dos principais pilares que alimentam os embates e as violências que se encontram nos meios digitais. Reflexões acerca do cyber racismo e supremacia branca na internet (JAKUBOWICZ, 2012; 2017), reprodução de desigualdade pelas formas algorítmicas (SCHEIDWEILER & VALIQUETTE, 2019; GRAY, 2019), entre outras dinâmicas que concernem à violência de raça no campo virtual permeiam esse solo complexo que demanda urgente aprofundamento.

A premissa que insurge o tensionamento racial cabe sob o conceito de branquitude apresentado por Ruth Frankenberg. A autora o aponta como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, sobre uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (FRANKENBERG apud CARDOSO, 2010).

A branquitude, para Frantz Fanon (2008), não se limita a partir de uma legitimação da pigmentação do sujeito, mas a partir de uma valoração estrutural da conduta do branco. A exemplo, o estar branco e defender a supremacia branca é comum em grupos neonazistas latino-americanos (CARDOSO, 2010), compostos por sujeitos negros de pele clara.

À frente da discussão das questões que concernem ao racismo no ambiente online, é preciso partirmos do pressuposto que aloca a raça e o sujeito negro como uma problemática, fundamentalmente, conceitual (FANON, 2008; MBEMBE, 2018; KILOMBA, 2020). Inexistente enquanto fato natural físico, antropológico ou genético (MBEMBE, 2018), é a partir de relações de poder que a raça, sustentada socialmente pela linguagem (FAIRCLOUGH, 2015), corporifica existências e sistematiza vidas a uma recente experiência histórica do Ocidente.

A violência do racismo, como nos remete Castiel Vitorino Brasileiro (2020), nasce do projeto de racialização atuante na estruturação do indivíduo, em um processo de subjetivação com limites e imposições de intensidade vital. Essa realidade especular e de força pulsional (MBEMBE, 2018, p.69) provoca um doloroso impacto corporal e a perda característica proveniente de um colapso traumático, no qual o indivíduo é cirurgicamente vinculado a identidades racializadas (FANON, 2008) e tem, ainda, suas cicatrizes psíquicas amplamente negligenciadas (ESSED, 1991).

A virtualidade, como um campo de atravessamentos entre tecnologia, cultura e política, demonstrará, nesta pesquisa, uma íntima aproximação das qualidades contidas nos discursos racistas. Isto acontece tanto na dilatação das percepções referentes aos padrões discursivos e conceituais que forjam a existência do racismo no Brasil, bem como as vítimas experienciam e respondem a essa violência.

Ainda, é interessante observar que a violência online, marcada por características heteróclitas e múltiplas, se expressa nas identidades brasileiras racializadas em tensões que reverberam processos dialéticos de ação e revolta, exprimindo na violência sua manifestação, defesa e apropriação de poder. Potencializada por características referentes ao ambiente online, como velocidade de propagação, compartilhamento e difusão entre grupos e pessoas, as micro-agressões raciais (SILVA, 2020), constituídas por ofensas verbais, comportamentais e que comunicam insultos negativos ou hostis às identidades negras (2010), se manifestam por meio de novas dinâmicas sociais possíveis pelo processo de intensa digitalização da realidade.

Sabemos que o expressivo capital econômico e cultural da branquitude lhes concede um acesso dominante à Internet. Facilitando, dessa forma, a possibilidade de imposição de visões centralizadas sobre si próprios e sobre “os outros”, em um processo que toma corpo a partir das tecnologias hegemônicas de dominação (TRINDADE, 2020). Tais visões são caracterizadas sumariamente pelo discurso de ódio como parte do cenário digital global que, uma vez racializado a partir da lógica da supremacia branca (SILVA, 2020), intensificam as desigualdades estruturais de raça (ROSSHANI, 2020).

A complexidade do racismo na internet, como invoca Derald Wing Sue (2010) corre sobre o aparato das micro agressões raciais referente às suas categorias verbais, não-verbais e ambientais. De acordo com o autor, elas podem ser divididas em três tipos; (a.) micro insultos, (b.) micro invalidações e (c.) micro ataques. Micro insultos seriam mensagens que expressam insensibilidade ou depreciação a herança racial de um indivíduo. Já as micro invalidações, seriam mensagens que desmoralizam, negam ou invisibilizam as existências racializadas. Por fim, micro ataques seriam mensagens explícitas com intenção clara de ferir a vítima.

A atenção aos discursos desprende, por conseguinte, parâmetros que exigem a percepção de um campo de coexistências (FOUCAULT, 2008) destacadas sob a

dimensão simbólica do racismo. Pois é quando, ao conectar o sentido e a linguagem à cultura (HALL, 1992), que a representação do indivíduo racializado se concentra às imagens de controle (COLLINS, 2019) como mecanismos de designação e subalternização social com ampla audiência.

Contudo, sabe-se que essas representações e imagens de controle, operando quase sempre no âmbito da terceiridade (ROCHA & SANTANA, 2020), indicam um constante processo em movimento, marcando em sua estruturação imaginativa a possibilidade da constituição dinâmica e mutável dos signos raciais, compostos por uma dimensão estética que apresentam relações intersubjetivas de significados (SODRÉ, 2006) mediadas pelas ferramentas online de comunicação e suas possibilidades. Estar ciente da manifestação dos signos racista e sua articulação é, portanto, um compromisso necessário para trilhar os caminhos que buscam a superação do delírio racializante (MBEMBE, 2018) dos corpos negros.

Surgem, dessa forma, diversos questionamentos. Qual a abrangência espaço-temporal da violência online de raça no território virtual brasileiro? Qual o perfil social de vítimas e agressores? Quais são as experiências, emoções e combates das vítimas e aliados? Como os agressores se articulam e são responsabilizados? Há uma relação entre o espaço online e offline? Onde a violência online começa e se desdobra? Há uma regulamentação sólida e que dê suporte às vítimas? Quanto à agressão, como ela ocorre e quais os objetos significados e termos racistas utilizados? Tais inquietações auxiliaram na construção do ciclo da violência online de raça, principal objetivo desta pesquisa.

Por meio do Observatório Brasileiro de Violência Online⁵, desenvolvemos uma análise qualitativa e quantitativa de cerca de 158 casos de racismo virtual noticiados na imprensa online. Finalmente, na análise e discussão propomos um exame mais complexa de dois elementos essenciais para apreensão da violência online: como a virtualidade promove as agressões e quais os principais recursos representativos que incentivam concepções racistas do ser negro.

⁵ O Observatório de Violência Online, concebido na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, traz como proposta principal compreender os tipos e dinâmicas da violência online, identificando os atores sociais que a compõem, e as consequências. O objetivo é contribuir com o debate sobre o tema a partir de uma coleta de informações, que possibilite o embasamento de iniciativas e políticas públicas. Para saber mais, acesse <https://www.internetdireitoshumanos.com.br/>

Procedimentos Metodológicos

Debruçar sobre o campo da virtualidade nos projeta a refletir quanto às novas e mais complexas problemáticas que envolvem o processo de modelação e organização cultural no qual as sociedades urbanas e midiáticas se reproduzem. Essa orientação, forjada pelo comprometimento com o debate acerca da racialidade no ambiente online brasileiro, nos aproxima das manifestações discursivas do racismo no campo virtual. Trata-se, portanto, de uma moldura para alocarmos esta estrutura tecnocultural como extensão do violento histórico do racismo no Brasil.

Nos interessa basilar a dinâmica da pesquisa sob perspectivas de caráter cultural a fim de reforçar, por meio de uma análise crítica de discursos racistas na Internet, sua ação retroativa em nossa sociedade atual. As especificidades da tecnocultura, envoltas às interações entre política, tecnologia e cultura, exige que caminhemos um passo adiante na análise do discurso (PÊCHEUX, 1983) e sua correspondente análise crítica (FAIRCLOUGH, 2015; WODAK, 2001), buscando na Análise Tecnocultural e Crítica do Discurso (CTDA), (BROCK, 2016), um campo a ser explorado para análise e investigação na Internet.

Conforme expõe André Brock (2016), a CTDA desprende seu foco, no que concerne à mediação digital das relações de poder, na estrutura, significado, interação e comportamento cultural/social no ambiente online. Além disso, compreende amplamente os princípios da análise do discurso e incorpora o pressuposto de que o discurso mediado digitalmente pode ser, mas não sumariamente, moldado por características tecnológicas dos sistemas de comunicação. Considera também as linguagens de programação ou design físico como o meio pelo qual acontece a interação com algoritmos, símbolos e práticas (BROCK, 2016), atentando-se às características da plataforma e em como o poder se manifesta durante a experiência do usuário.

A partir do suporte bibliográfico acerca de temas voltados à raça, racialização, racismo, virtualidade e análise do discurso no ambiente online, este estudo conduziu, por meio do Observatório Brasileiro de Violência Online, a investigação de casos noticiados pela imprensa brasileira de racismo no ambiente virtual. Foram levantados dados quantitativos e qualitativos que nos orientaram quanto: (a) a percepção e

abrangência da violência online de raça no território virtual brasileiro e sua relação temporal entre os anos; (b) perfil das vítimas, compreendendo suas experiências emocionais e subjetivas e as ações de combate; (c) perfil dos agressores, se atentando ao formato dos posicionamentos no ambiente online e suas dinâmicas para realização da violência; (d) características do ambiente online, bem como os casos que se iniciaram ou se desdobraram no offline; e (e) qualidade da agressão, percorrendo a análise a partir dos termos racistas utilizados e seus respectivos objetos ou abstrações de projeção. Ao final da apresentação dos dados mais recorrentes de cada categoria de análise foram conduzidos discussões teóricas que tornaram possível a análise qualitativa do ciclo de violência online de raça.

A coleta dos casos noticiosos foi realizada pelo portal G1 e segmentada por unidades federativas entre Janeiro e Junho de 2021, tendo sido levantado casos noticiados entre 2013 a 2021. Além disso, seu processo se deu a partir da busca das palavras-chaves sozinhas e combinadas, conforme exemplificado na seguinte tabela:

Quadro 1 - Palavras-chave para Coleta

Tipo	Violência
Racismo	
Violência de Raça	
Racista	
Preconceito Racial	
Negro	x
Negra	Violência Online
Preto	Internet
Preta	Online
Cyber Racismo	
Discurso de Ódio	

Fonte: Elaboração do Autor, 2021

Quanto à análise do material jornalístico, ela ocorreu baseada em cinco categorias principais, divididas em subcategorias correspondentes a sua proposta de análise e apreensão. São elas:

Tabela 2 - Estrutura para Análise do Material Jornalístico

Categoria	Subcategoria
Tempo e Espaço	Local
	Estado
	Período
Vítima	Nome
	Identidade de Gênero
	Orientação Sexual
	Ocupação
	Idade
	Experiência
	Combate
Agressor	Quantidade
	Como Fizeram
	Idade
	Tipo de Agressor
	Identidade de Gênero
	Raça/Etnia
	Ocupação
Relação	
Espaço Virtual	Plataforma
	Começou no Offline?
	Se desdobrou no Offline?
Agressão	Como ocorreu?
	Termo
	Alvo
	Consequência
	Canal de Combate

Fonte: Elaboração do Autor, 2021

É importante observar que nem sempre encontramos todas as informações elencadas acima, porém quando as encontramos as destacamos visto a importância delas para compreensão do ciclo do racismo na Internet.

A partir das categorias de análise apresentadas na etapa anterior, a pesquisa conduziu à análise específica dos dados mais recorrentes. Em alguns momentos, como nas categorias de vítima, agressor e local, dados com menor frequência ou que sequer apareceram foram úteis para análise comparativa posteriormente pertinentes à análise geral.

Resultado e Discussão

Temos, a partir do levantamento de 158 casos, que a violência online de raça ocorre com maior frequência nas regiões Sudeste (49,98%) e Sul (18,68%), com marco temporal de seu noticiamento em 2013 e que passou por um aumento expressivo em 2020 (34,81%) e no primeiro semestre de 2021 (28,48%), precisamente no momento da pandemia de Covid-19.

Tem como principal alvo mulheres (66,11%) entre 16 a 25 anos (38,8%) e que possuem a ocupação, em suma, como figuras políticas (15,18%) e estudantes (13,29%). A partir dos resultados, as vítimas manifestaram sentimentos de revolta (36,37%), tristeza (13,28%) e humilhação (12,58%) e que encontraram a denúncia (89,42%) como principal ferramenta de combate.

Tabela 3 - Principais Emoções Sentidas pela Vítima

Item	Quantidade	Percentual
Revolta	52	36,37%
Tristeza	19	13,28%
Humilhação	18	12,58%
Trauma	6	4,19%
Desmoralização	5	3,49%
Desrespeito	5	3,49%
Ofensa	5	3,49%

Fonte: Elaboração do Autor, 2021

Seu agressor se apresenta individualmente (37,34%) ou como vários sujeitos, múltiplos e incontáveis (26,58%). São homens cisgênero (84,21%), brancos (94,44%), de 11 a 25 anos (47,05%). Geralmente são estudantes (6,63%), se apresentam como usuário em rede social (56,23%), grupo anônimo em ação organizada (14,55%) e usuário anônimo em rede social (10,12%). Em 56,32% dos casos, os agressores são desconhecidos da vítima.

Tabela 4 - Quantidade de Agressores de Violência Online de Raça

Item	Quantidade	Percentual
1	59	37,34%
2 a 5	5	3,16%
Vários	42	26,58%
SR	52	32,91%

Fonte: Elaboração do Autor

A violência acontece em grande expressividades nas plataformas Facebook (29,69%), Instagram (22,27%) e Twitter (10,04%). Tendo 12,65% casos iniciados e 16,82% casos desdobrados no ambiente offline.

Quanto a agressão, ela acontece por meio de comentário explícito em rede social (48,05%), invasão de palestra ou aula online (14,28%) e publicação de post em rede social (12,33%). Possui, ainda, reverberação de termos como macaco (21,31%), escravo (5,73%) e desejo de morte (5,73%) para a projeção do racismo que ocorre, em suma, a partir do fenótipo e/ou qualidade física (30,52%), do cabelo crespo (14,73%) e animalização do negro (11,57%).

e suas novas dinâmicas de execução, perceptível no surgimento de casos de invasão por grupos anônimos em plataformas de vídeo chamada a partir do ano de 2020.

Em comparação com outras regiões do Brasil, o Sudeste e o Sul apresentaram características favoráveis para denúncia, investigação e condenação dos casos, com delegacias especializadas e condições de suporte para as vítimas. Por outro lado, as regiões do Norte e Centro-Oeste, em oposição ao Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021 que as centraliza como os principais centros de denúncia por injúria racial e racismo, assume poucos recursos para regulações voltadas às especificidades do ambiente online e/ou escassa visibilidade nas unidades federativas no portal jornalístico online. Por conseguinte, a desigualdade entre as regiões é acompanhada pela observação de que as regiões que apresentaram maiores casos de racismo online são igualmente as regiões com menos casos de racismo no Brasil, como apresentado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021. Possivelmente, essa contradição se dá pela ação da publicização do racismo nas unidades federativas dos materiais analisados, as quais contribuem para as estruturas de combate e inibição dessa violência e que apresentaram em seus territórios instituições especializadas de combate.

Representando 66,11% das vítimas de racismo no ambiente online, as mulheres negras vivenciam a inteseccionalidade, como “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 14), de forma mais acentuada que os homens negros. Consecutivamente, os objetos e termos utilizados para construção do discurso racista são caracterizados, no caso das mulheres, por comentários com relação ao cabelo, aparência e higiene, trazendo, como proposta por Kilomba, “o desejo branco de controle o corpo negro; e, por outro lado, o medo branco de ser sujado por aquele corpo” (2020, p.125). Igualmente, há o fato de que o cabelo único das pessoas negras foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude (Ibidem, 2020, p.126) e transformado, posteriormente, em recursos políticos que revelam como as mulheres negras negociam as políticas de identidade e racismo (Ibidem, 2020). É necessário, portanto, como nos traz Bell Hooks (2019), a construção de pontes que estimulem o afeto, orgulho e amor próprio como ferramenta política das meninas negras com seus cabelos.

Igualmente importante, a extensa vitimização de meninas de 16 a 25 anos, muitas delas estudantes, traz à tona a importância da construção e manutenção constante

de espaços saudáveis para discussão e tratamento da violência de gênero nas escolas, especialmente devido a adaptação da realidade educacional ao ambiente virtual. Além disso, as meninas encontram-se em situações de enorme vulnerabilidade, ora pela dependência de outros, ora pela culpabilização da violência sofrida (SOUSA; SCHEIDWEILER; MONTENEGRO, 2017).

Abdias Nascimento, em “O Negro Revoltado”, manifesta que o espírito da revolta “nasce do espetáculo da Sem-razão, ante uma condição injusta e incompreensível” (1982, p.74), a qual, por sua vez, dá luz à consciência (1982, p.76) e move o homem a recusa de “ser tratado como coisa e a ficar reduzido à simples história” (1982, p.88). Para o autor, trata-se de uma postura de maturidade política que evoluirá a uma ideologia de libertação dos negros brasileiros, como foi o caso do quilombismo, síntese da experiência africana no território brasileiro. O que se percebe na pesquisa é, de fato, um momento de alteridade por grande parte das vítimas que recusam às feridas emocionais e invocam posturas de orgulho e desejo de transformação, abrindo caminho para comunidades virtuais de resiliência racial.

Por sua vez, não é novidade nas pesquisas referentes à preconceito e discriminação, a postura dos homens cisheteros brancos como agentes recorrentes da violência. Entretanto, nos interessa aqui observar dois dados que trazem o formato e articulação desses sujeitos na disseminação do racismo online. O primeiro faz o levantamento da existência de grupos anônimos, principalmente posterior à pandemia de Covid-19, que realizam a violência por meio de ações organizadas, suscitando desafios a serem trabalhados no que se refere a multiplicidade, impossibilidade de numeração e anonimato. O outro trata-se do desconhecimento entre agressores e vítimas que se realiza em uma violência que desumaniza o sujeito em um ato de negação de sua existência e saúde psíquica.

É notório que a maioria dos casos de violência online de raça tiveram início no ambiente online e não se desdobraram no ambiente offline. Entretanto, os indicadores correspondentes aos casos iniciados e desdobrados no ambiente offline, apresentam uma interação correspondente entre online e offline presente nas tecnologias da informação como extensão da cultura. Atenta-se a possibilidade de desdobramento dos casos no ambiente offline, a partir de ciclos que expandem o ambiente virtual e se torna, por vezes fisicamente, danoso às vítimas.

Nos atentamos às abordagens antirracistas que trabalhem o exercício da autoestima e autoidentificação com a herança racial e étnica das existências negras, reivindicando, por conseguinte, a completa desassociação do caráter de animalização na estruturação da identidade racial presente no imaginário brasileiro. Collins (2019) reforça que o combate ao racismo se intensifica e é eficiente quando o indivíduo se autodeclara negro e resiste, por meio das práticas de autodefinição, às imagens de controle racista.

É preciso estarmos sempre cientes que os elementos que constroem a violência estão em constante movimento; centrar caminhos para novas possibilidades e construir futuros em que a plena manifestação das existências negras torna-se, dessa forma, atenção consciente e constante para todos e todas que se comprometem com uma realidade mais justa.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Exú Tranca-Rua das Almas**. 2020. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5ea302c8362c6d101944b61e/t/5f31ca0614c78e23a2313a6f/1597098508596/ExuTrancaRuadasAlmas_Castiel.pdf. Acesso em: 03 ago. 2021.

BROCK, André. **Critical technocultural discourse analysis**. *New Media & Society*, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 1012-1030, 11 nov. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1461444816677532>.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**, *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, Doctorado en Ciencias Sociales, Niñez y Juventud del Centro de Estudios Avanzados en Niñez y Juventud de la Universidad de Manizales y el Cinde, vol. 8, núm. 1, (enero-junio), 2010, pp. 607-630

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. In: *University of Chicago Legal Forum*: Vol. 1989: Iss. 1, Article 8, p. 139-167.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Porto: Boitempo, 2019.

-
- ESSED, Philomena. **Understanding Everyday Racism: an interdisciplinary theory** (sage series on race and ethnic relations). New Delhi: Sage Publications, 1991.
- FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, Iara Rosa. **Investigações sobre o racismo: contribuições da semiótica francesa**. **Dalnet**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 184-195, jun. 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 3. ed. New York: Routledge, 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forensia Universitaria, 2008.
- _____. **Vigiar e Punir**. 27. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- GRAY, Kishonna L.. **Algorithms of oppression: how search engines reinforce racism**. **Feminist Media Studies**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 308-310, 17 fev. 2019. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14680777.2019.1579984>.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Resistência e revolta nos anos 1960: abdias do nascimento**. *Revista Usp*, [S.L.], n. 68, p. 156, 1 fev. 2006. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i68p156-167>.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 1992.
- HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- JAKUBOWICZ, Andrew. **Cyber Racism. More Or Less Democracy And New Media**, Sydney, v. , n. , p. 215-237, 2012.
- _____. *et ali*. **Cyber Racism and Community Resilience: strategies for combating online race hate**. Ontario: Pelgrave Hate Studies, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: memórias da plantação**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- LEBRUN, Jean Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre, CMC, 144 p, 2008.
- MACIEL, Lucas de Oliveira. **A Interseccionalidade de Carla Akotirene e o Marxismo**. **PRÁXISCOMUNAL: Apontamentos Críticos a partir de Marx, Lukács e Chasin**, [s. l], v. 2, n. 1, p. 126-150, dez. 2019.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. São Paulo: N-1, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. (org.). **Combate à Discriminação**. São Paulo, Edusp, 1996
- NASCIMENTO, Abdias do (org.). **O Negro Revoltado**. 2a ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PENLEY, Constance; ROSS, Andrew (ed.). **Technoculture: an online journal of technology in society**. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 1991.

PÚBLICA, Fórum Brasileiro de Segurança. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Segurança, 2021.

ROCHA, Bruna; SANTANA, Cássio. POR UMA SEMIÓTICA ANTIRRACISTA. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Virtual. **Anais [...]**. Salvador: Intercom, 2020. p. 1-15.

ROSHANI, Niousha. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no Brasil e Colômbia. In: SILVA, Tarcízio (org.). **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: olhares afrodiáspóricos**. São Paulo: Literarua, 2021. p. 45-66.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (org.). **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: olhares afrodiáspóricos**. São Paulo: Literarua, 2021. p. 127-146.

SODRÉ, M. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p.73-124.

SOUSA, Janara; SCHEIDWIELER, Gerson; MONTENEGRO, Luísa. **O ambiente regulatório brasileiro de enfrentamento à violência de gênero**. Anais do XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

SUE, Derald Wing. **Microaggressions in Everyday Life: race, gender, and sexual orientation**. New Jersey: John Wiley & Sons, 2010.

SCHEIDWEILER, Gerson; VALIQUETTE, Robert Tyler. JUSTIÇA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: a reprodução de desigualdades pelas fórmulas algorítmicas. In: SOUSA, Janara; GERALDES, Elen; REIS, Lígia Maria (org.). **Internet e Direitos Humanos no Brasil: cenários e perspectivas**. Brasília: Fac- Unb, 2019. p. 27-42.

TRINDADE, Luiz Valério P. MÍDIAS SOCIAIS E A NATURALIZAÇÃO DE DISCURSOS RACISTAS NO BRASIL. In: SILVA, Tarcízio (org.). **COMUNIDADES, ALGORITMOS E ATIVISMOS DIGITAIS: olhares afrodiáspóricos**. São Paulo: Literarua, 2021. p. 27-44.

WODAK, Ruth. **The discourse-historical approach**. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Methods of Critical Discourse Analysis**. New York: Sage, 2001. p. 63-94.